

Nome das autoras: Gleiciane Teodoro e Jéssica Inácia

Email: Gleicianetheodoro@hotmail.com

Telefone: 3591226849

Vínculo institucional: Estudantes do quinto período de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, *campus* Poços de Caldas.

Título do trabalho: **Representações sociais acerca da sexualidade de pessoas com síndrome de Down**

Categoria: projeto de pesquisa

Palavras chaves: Síndrome de Down, sexualidade, representações sociais

Resumo

A Síndrome de Down é caracterizada por um grau variável de atraso no desenvolvimento mental e motor. Assim a SD, não é uma doença e não deve ser tratada como tal, pois não há uma cura. O médico inglês John Langdon Down, em 1866, identificou alguns sinais físicos semelhantes em um grupo de pessoas com deficiência mental. Então, a “Síndrome de Down é um conjunto de estigmas físicos, causados por uma alteração genética, e que tem seu nome em homenagem ao primeiro médico que a descreveu”. (NAHAS, 2004, pg.55)

Pensar a sexualidade de pessoas com SD é propor um desafio para a desconstrução de preconceitos e estigmas. Geralmente, tem-se a percepção de que indivíduos com SD possuem um maior libido sexual e são ativos sexualmente, ou que simplesmente são assexuados.

Tais pensamentos de acordo com Pan (2007) menciona que,

Considera-se que a pessoa com síndrome de Down movimenta-se somente por instintos e não pode controlar seu impulso sexual, pois não possui os mecanismos mentais adequados para a inibição e sublimação. Dessa forma, sua sexualidade é descontrolada e, às vezes, agressiva; por isso, deve ser podada restritivamente. No caso dos homens, acredita-se que passam grande parte do dia se masturbando, o fazem em qualquer lugar e circunstância, sem muito cuidado em fazê-lo diante de algum espectador, seja desconhecido ou não. Em relação às mulheres, acredita-se que são muito promíscuas, que aceitam passivamente o contato sexual, sem muitas considerações.

A sexualidade humana, não pode ser compreendida apenas na esfera biológica, afetiva ou cultural, é um fator pluridimensional. Ela abrange desde o contexto histórico, social, psicológico, cultural, biológico, comportamental, corporal e afetivo. A sexualidade ainda hoje representa um grande tabu entre as pessoas, e esse tema sempre é acompanhado de curiosidade, medo, preconceito, controle, submissão, poder, afeto, paixão, amor, respeito, liberdade e também intimidade.

O contato com a sexualidade normalmente acontece na juventude, na qual os jovens se permitem experimentar a sua sexualidade, criando uma estrutura de identidade, e criando possibilidades sexuais-afetivas. A adolescência é vista como uma fase de transição em que se perde a infância e se ganha um adulto, nesse período observa-se a maturidade biológica e sexual dos adolescentes. Para adolescentes com SD, isso não é diferente, porém existe uma grande dificuldade em criar essa identidade e também possibilidades sexuais, pois esses indivíduos muitas vezes são vistos como incapazes de lidar com sua própria sexualidade. “Ao considerar a pessoa com deficiência como alguém não dotado de sexualidade, negligenciam-

se os cuidados contra situações de abusos e se omitem a essas pessoas o direito de acesso à orientação/educação sexual.” (SEROMPA e MAIA, 2006, pg. 313).

No artigo a seguir delinearemos um enfoque da sexualidade (como ato sexual) em pessoas com SD, pelo trabalho de campo realizado pelas autoras, pelo convívio com algumas pessoas com SD e pelo interesse no tema. Será embasado teoricamente por literaturas que abordam o tema SD e sexualidade, e por coleta de dados feita no campo de estágio, que foi na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Poços de Caldas, Minas Gerais, realizados em 96 horas de estágio.

Sendo assim esse trabalho pressupõe que todos os indivíduos, tendo deficiências ou não, tem liberdade em expressar sua sexualidade. Todas as pessoas têm sentimentos, atitudes e convicções sobre a sexualidade, mas cada um experimenta e vive a sexualidade de uma forma diferente, pois tem uma perspectiva sumamente individualizada. Trata-se de uma perspectiva que procede tanto aspectos sociais, biológicos ou culturais.

O objetivo central desse trabalho é analisar as opiniões de pais, profissionais, pessoas com síndrome de Down, e pessoas leigas acerca do tema sobre a sexualidade de indivíduos com SD obtidas através de entrevistas. E trazer à tona uma discussão através de revisões bibliográficas, sobre como essas pessoas percebem a sexualidade de pessoas com SD e possíveis consequências dessas percepções para pessoas com SD.

Sendo assim, trata-se de uma pesquisa que utiliza análises qualitativas. Foram feitas sete entrevistas, com pais de pessoas com síndrome de Down, com profissionais que tenham contato com pessoas com síndrome de Down, indivíduos com SD, e com quem não tem nenhum tipo de contato com pessoas com SD. Cinco das entrevistas foram feitas na instituição e duas fora dela.

O procedimento utilizado foi através de entrevistas semiestruturadas. Cada entrevista contava com nove perguntas aproximadamente, porém uma das questões foi anulada por ser semelhante à outra. As perguntas foram adaptadas para cada entrevistado, e cada entrevista durou aproximadamente 10 minutos. Segue um modelo em anexo do questionário.

Foi-se utilizado a entrevista para colher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo que as autoras desenvolvessem uma ideia sobre a maneira que os participantes viam a sexualidade de pessoas com SD.

Esses relatos colhidos tem o objetivo de propor a comparação dos diversos pontos de vistas acerca da questão (sexualidade de pessoas com SD), e a compreensão para suscitar discussões, novas aplicações e redefinições sobre sexualidade de pessoas com SD.

Dividiram-se em cinco grupos os relatos. No primeiro grupo, os dois participantes não tinham contato com ninguém com SD, e nunca frequentaram nenhuma instituição que atendesse esse público, e também nunca tinham estudado ou lido algo acerca do assunto. O primeiro participante será identificado como Paula. Paula tem 26 anos, é vendedora e possui ensino médio completo. O segundo será identificado como Pedro. Pedro tem 38, é porteiro e também possui ensino médio completo.

O grupo dois é composto por profissionais (professores) que atendem pessoas com SD. As participantes serão identificadas como Fátima e Bruna. Ambas as professoras, com idade de 30 e 41 anos respectivamente.

O terceiro grupo é composto por pais de pessoas com síndrome de Down, e a participante será identificada como Maria, ela tem 60 anos e é mãe de um menino de 21 anos com SD.

O grupo quatro é composto por uma aluna da APAE com síndrome de Down e sua deficiência é considerada leve (dado adquirido na instituição), a participante entrevistada será identificada como Rafaela. Ela é estudante da APAE, frequenta o ensino regular e tem 19 anos.

O quinto e último é composto pela instituição (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) a APAE, que atende pessoas com qualquer deficiência e também síndrome de Down.

Abaixo segue as perguntas feitas na entrevista e algumas respostas, o conteúdo das entrevistas na íntegra estão presentes no projeto. Cada pergunta foi feita de acordo com o propósito do artigo, e com elas verificar opiniões diversas sobre o assunto.

Pergunta 2- Como você, participante, vê a sexualidade/ato sexual de pessoas com SD?

O participante do grupo um: *“Não é normal, duas pessoas com Down podem até fazer sexo, porém não deve ser da maneira comum, não devem se masturbar”*.

O participante do grupo dois: - *“Respeitando cada indivíduo dentro da sua sexualidade, suas opções e suas escolhas. Sanando as dúvidas que surgirem”*.

Já o participante grupo três respondeu: *“Meu filho nunca teve contato com outras pessoas, não tem noção de lugares. Meu filho se masturbava na sala, procurei à psicóloga e ela orientou para que eu conversasse com ele, para que fosse para o quarto”*.

O participante do grupo quatro: - *“Normal, nada de diferente”*.

Por fim a instituição respondeu: - *“Não há diferença na sexualidade de pessoas com SD. Sua sexualidade é igual a qualquer outro ser humano. A equipe multidisciplinar procura socializar qualquer comportamento com relação à sexualidade”*.

Durante a adolescência o jovem entra em contato com a sua sexualidade, sendo ele normal ou deficiente. É comum ouvir diferentes pontos de vista acerca da sexualidade em deficientes, no caso deste artigo aquelas que têm síndrome de Down. A sexualidade na adolescência do indivíduo com síndrome de Down, não pode ser negada. Na coleta de dados feita se percebeu que são distintas as opiniões e bem divididas por ser uma questão complexa para muitos. Nas entrevistas feitas vemos que as respostas são distintas, opiniões que são permissíveis e outras oprimem.

Uma das questões levantadas e coletadas durante as entrevistas foram à possibilidade do indivíduo com síndrome de Down possuir “uma sexualidade afluada e exagerada”, Lipp (1988) coloca que a frequência da masturbação para o deficiente mental é vista como um reflexo da falta de atividades, sobretudo as prazerosas, para ele realizar. Isto não significa, portanto que eles possuam necessidades sexuais exageradas, mas sim que são restritas outras fontes de prazer e alegria. Indo de encontro com a fala de Maria, 60 anos, mãe de um menino de 21 anos com SD.

“Sim, é normal. Quando começam (pessoas com SD) a sentir, eles já se masturbam. No caso do meu filho, começou quando ele tinha nove anos. Achei normal, porém ele fazia na sala, junto com todos, procurei a psicóloga e ela me orientou para leva-lo para o quarto quando isso ocorresse.”

Referências

NAHAS, AB. **Síndrome de Down e meu filho**. 4ª ed. Florianópolis; 2004. 60p.

PAN, José Ramon Amor. **Afetividade e Sexualidade na pessoa portadora e deficiência mental**. São Paulo: Loyola, 2003. 455p.

MARQUES AC, NAHAS MV. **Qualidade de vida de pessoas portadoras de Síndrome de Down, com mais de 40 anos, no Estado de Santa Catarina.** R. Bras. Ci. e Mov. Brasília v. 11 n. 2 p. 55-61 junho 2003.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Sexualidade e Deficiências.** São Paulo: Editora UNESP, 2006. 261p.

Lipp M N. **Sexo para deficientes mentais: sexo excepcional dependente e não dependente.** São Paulo: Cortez: 1998.

MEIRELLES, João Alfredo Boni de. **Os Ets e a gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola.** In: AQUINO, Julio Groppa. Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. 3.ed. São Paulo: Summus, 1997. p.71-86.

GOFFMAN, Erving. ***Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.*** 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1995.